

**ABOUT THE EARTH AS AN EVENT: GEOPHILOSOPHY AND AESTHETICS
IN THE ART OF ROMY CASTRO**

***SOBRE A TERRA COMO ACONTECIMENTO: Geofilosofia e Estética na arte de
Romy Castro***

CASTRO, Paulo Alexandre e¹,

Resumo

Pretende-se com este artigo fazer uma análise às obras de arte de Romy Castro iniciadas em 2012 e intituladas «A Terra como acontecimento». Se no momento da criação da série, «Memórias da terra negra» se adivinhavam já alguns traços sobre o potencial uso das matérias pictóricas que viriam a gerar as futuras obras, é no final de 2019 que vemos consagrar, senão mesmo sacralizar essa relação primordial entre o homem e a terra, que é afinal o acontecimento, fenómeno que redescobre o visível e o indizível que se dá na Terra. Uma análise que reflecte crítica e teoricamente, por um lado, sobre as matérias que a artista usa para a produção das obras de arte e por outro lado, sobre o pensamento da artista, enquanto criadora e ensaísta. Neste sentido, pode ser afirmado que se está na presença de uma geofilosofia que pensa a Terra e que dá a pensar uma outra prática estética que passa pelo olhar e pelo escutar as matérias.

Abstract

The aim of this article is to analyse the works of art of Romy Castro that started in 2012 entitled «The Earth as an event». If, at the time of the creation of the series, «Memories of the black Earth» some signs of the potential use of the pictorial materials that would come to generate future works were already guessed, it is at the end of 2019 that we see consecrating, if not sacralising this primordial relationship between man and earth, which is, after all the event, phenomenon that rediscovery the visible and the unspeakable that happens on Earth. An analysis that reflects critically and theoretically, on the one hand, on the materials that the artist uses for the production of works of art and on the other hand, on the artist's thought, as creator and essayist. In this sense, it can be affirmed that one is in the presence of a geophilosophy that thinks about the Earth and that gives rise to another aesthetic practice that involves seeing and listening matters.

Palavras-chave: *Terra; Geofilosofia; Romy Castro; Fenómeno.*

Key-words: *Earth; Geophilosophy; Romy Castro; Phenomenon.*

Data de submissão: janeiro de 2021 | **Data de publicação:** março de 2021.

¹ PAULO ALEXANDRE E CASTRO – IEF-Universidade de Coimbra, PORTUGAL. Email: paecastro@gmail.com. Nota: artigo escrito sem acordo ortográfico.

A ARTE E O ACONTECIMENTO

A exposição de Romy Castro, *A Terra como Acontecimento*, cuja primeira mostra data de setembro de 2012, aconteceu inserida na programação cultural de Guimarães Capital Europeia da Cultura 2012. Desde então variadas mostras têm sido realizadas e, permita-se dizer, reinventadas não tanto no conteúdo ou na forma, mas na reconfiguração da essência que preside a esta série (que na verdade, já se faziam anunciar na série anterior designada *Memórias a Terra Negra*)². Diga-se também, que esta mostra iniciada em 2012 vai muito além da simples exposição de pintura. Vai para lá da mostração pictórica ou da poesia visual que caracteriza muitas das mostras das belas-artes, e também vai mais além do discurso acadêmico que tantas vezes quer enformar e conformar teorias e teses como se espartilhasse sob categorias nada claras, aquilo que pode ser o acontecimento da arte. A exposição *A Terra como Acontecimento* é a celebração do quiasma que sempre existiu entre o homem a Terra, o louvor da percepção consciente no encontro onto-teleológico da matéria originária à matéria original. Nos diversos mundos do *homo aestheticus*, a Terra é o arquétipo que funde todos os elementos na imagética da mente humana. É na Terra e pela Terra, esse lugar onde se dão a ver (se fazem ver) as coisas, que a arte de Romy Castro se faz materializar, como arauto da verdade dos seus elementos, como declaração da sua autenticidade, lembrando que no todo tudo se contém.

A obra de Romy Castro constitui por isso, uma revelação poética, estética e fenomenológica do universo íntimo da matéria e que nos introduz numa vivência secreta, num sentir originário de intimidade com o mundo, num tempo ao mesmo tempo elástico, hipnotizante, meditativo, contemplativo, como se reverberasse em nós a origem silente do ser. A terra como acontecimento ao fundir as dimensões do passado com o presente, anula ao mesmo tempo que projecta a reminiscência do que foi sendo, e do que é ao ser. As diferentes matérias que se formam como matéria pictórica e que se presenteiam na obra – de que as fichas técnicas revelam o conteúdo – os elementos matéricos (as matérias minerais, vegetais e animais vindas de diversos pontos do planeta) não deixam de transportar o seu tempo, o seu lugar, a sua proveniência: a Terra. Mas tal como aí, também

² Refere a artista: «Este projeto ainda em curso desdobra-se em quatro séries/categorias de trabalhos, que se expuseram temporalmente, desde 2004 até 2013, totalizando três exposições individuais de pintura, com o papel feito à mão, e uma à qual se juntou uma enorme tela, preparada também com as matérias. Três instalações individuais de matérias, com intervenções de várias ordens, nomeando as “Memórias da Terra Negra I, II, III e IV e uma quarta exposição individual conjunta, que englobou a pintura, a instalação, o filme, e um ciclo de conferências internacional sobre a obra, exibindo no seu conjunto *A Terra como Acontecimento*» (Castro, 2016, p. 97)

na arte se dá o momento de continuada criação, experimentação, avanço, dir-se-ia, lugar de instalação de processos selectivos³. A artista está consciente de todos estes processos e parece reflectir mimeticamente na sua prática artística esta interiorização dos fenómenos naturais. Na verdade, a experimentação que a levou a um agenciamento de práticas concluídas e conclusivas para expor o acontecimento da Terra, só podia apresentar uma nova forma pictoral (pelo conteúdo e pela expressão) como resposta ao latente e indefinível que aguardava oportunidade para aparecer⁴. Romy Castro relendo Deleuze, afirmar essa necessidade de constante procura pelas condições de agenciamento:

um agenciamento, com quatro dimensões: estado de coisas, enunciações, territórios e movimentos de desterritorialização” (Deleuze 2012 : 29-30) que comporta dois segmentos, um de conteúdo e outro de expressão. Movimentos singulares que se constituem tendo como imagem do pensamento o conceito, o conteúdo dos espaços territoriais a estudar – de matérias locais/território e de matérias globais/Terra e a expressão na seleção de matérias-luz, enformando matérias brancas e matérias-sombra, enformando matérias negras. Acontecimentos que permitiram que a experimentação se tornasse múltipla e especializada e o pensamento um laboratório de experimentação geotécnico/estético, aberto ao acontecimento decisivo da vinda da Terra à história humana (Castro, 2016, p. 97).

Com tais práticas e matérias, a artista confere a decisiva preponderância do resultado pictórico da obra. A re-velação, a des-velação faz-se decisiva e visualmente nessa mostração inerente ao acontecimento que as materializou (o que acontece no acontecimento da arte). Dir-se-ia com alguma ousadia que Romy Castro assume pela feitura da obra, o papel divino da (re)construção da matéria, reorganizando-as, distribuindo-as, dando-lhes alma ou aura (se quiséssemos lembrar Walter Benjamin), permitindo-lhes ser (e a nós ver) a visibilidade originária.

³ Romy Castro clarifica as etapas experimentais implicadas no processo selectivo: «Em primeiro lugar, a pesquisa rigorosa das matérias a investigar, como exercício de compreensão e como método. O que acarreta um exercício de localização geográfica, sistema de seriação, disposição de regularidade e de relação entre os elementos e o todo, ordenação, encadeamento lógico dos seus fenómenos naturais, seleção compositiva, formação química, superfície e coloração. Propriedades que fundamentam os saberes para a seleção das matérias e para as suas transformações, químicas e, em última instância, concetuais e artísticas». (Castro, 2016, p. 98).

⁴ Como refere Belting, “Seule une attitude d’expérimentation peut laisser entrevoir de nouvelles réponses” (Belting, 1989, p. 12).

FENOMENOLOGIA DA MATÉRIA E DO (IN)VISÍVEL

Na arte de Romy Castro somos transportados para o universo poético e espiritual da matéria e, portanto, e também, para as derradeiras imagens de nós mesmos nadificados, num acontecimento feito pó. Matérias que potencialmente serão pó, mas que inatamente se doam e assumem infinitas possibilidades de configuração, de transmutação, de transfiguração e que, como refere a artista, uma vez extraídas da Terra,

que arrancadas do seu local, afastadas do seu solo originário, se tornam fenómeno original, potência máxima inscrita na matéria e pronta a eclodir, exibindo encorpadas o seu passado, para se darem a ver no presente e criarem uma nova ordem ôntica, da terra. Um passo, que vai da ordem de grandeza da matéria maior para a mais ínfima partícula, o grão, passando para a sua pequenez reductiva, a redução a pó, e por última exigência, para a menor partícula da sua substância, o elemento, a molécula, o que desvenda a origem do seu universo. E num movimento inverso o trajecto do molecular e das suas agregações para o macrocosmo da Terra e o espaço que ela rege (Castro, 2016, p. 98).

Recordam-se aqui questões essenciais: a temporalidade do que se apresenta (tudo se forma num tempo, seja criação geológica ou criação artística) e, portanto, também questão ontológica que preside a toda a formação matéria, e a questão da dimensão do infinitamente grande ao infinitamente pequeno, quase em jeito leibniziano. O pó que a artista usa, não é apenas e só pó, são pedaços infinitamente pequenos que assinalam uma ordem de existência. A poeira não é a simples degradação da matéria, não é a mera síntese do já consumado, a soma aleatória de partículas do que foi, mas é a marca da passagem do tempo. O pó, cronológico desgaste das matérias da terra, são sem mais, acontecimento, fenómeno da matéria que temporalizado se (re)faz. Talvez por isso, se possa compreender que a matéria, fisicamente, está presente na espiritualidade e vice-versa.

Os minúsculos pedaços de pigmento, a textura do papel manualmente produzido (que a artista faz questão de produzir), revelam as aderências e os relevos de carácter “animal, vegetal ou mineral”, conferindo texturas, acidentes, que acentuam o carácter celebrativo da materialidade da obra (ver fig. 1 e 2). A cor que parece não existir (sublinhe-se, parece não existir), define-se no conjunto observável dado pelas luzes e sombras, por esse jogo eternamente repetido entre claro-escuro, mas agora feito luz-sombra.

Figura 1 – Imagem de uma obra da exposição A Terra como Acontecimento (2012).

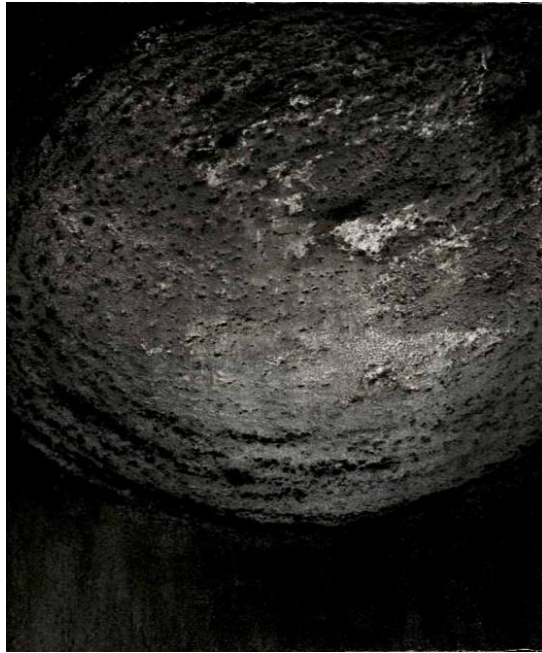


Figura 2 – Pormenor da imagem (fig. 1) onde se percebem as diferentes matérias e texturas, os contrastes de luz feitos pelos brilhos dos cristais e pela negritude das matérias densas e negras.



Fonte: Imagens cedidas pela artista.

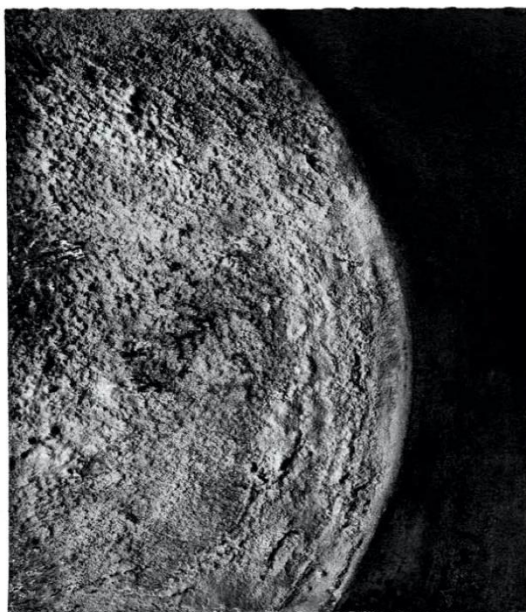
A matéria ganha toda a sua vitalidade e sentido: é o diverso sensível do mundo que é posto, diga-se materializado (enquanto processo), nas diferentes matérias a que já se aludiu anteriormente. As matérias sofrem uma espécie de transmutação que não fere, contudo, a sua essência, ou seja, revelam-se pela mão da artista, novas performances, novas formas de se doarem no acontecer do processo criativo. As diferentes matérias são assim consideradas e expostas na sua bruta facturalidade, na sua mais reveladora mostraçã, conferindo ou desvelando a artista, novos e apurados sentidos estéticos e

pictóricos, embora sem a preocupação de classificar tais processos à semelhança dos seus antecessores como Dubuffet ou Fautrier que haviam despreocupadamente relegado para segundo plano os preceitos académicos. Servem-nos aqui as palavras de Catherine Mèredieu quando se refere a esta forma de considerar a matéria: “a matéria é apanhada antes mesmo que intervenha qualquer esforço conceptual ou classificatório, no seu estado bruto e naquilo que tem de cega, fervilhante e caleidoscópica. É isto o diverso sensível, no sentido que Kant o entenderia” (Mèredieu, 2004, p. 289).

As diferentes matérias revelam assim pela mão da artista as suas *onto*-potencialidades, inscritas desde sempre na sua origem, mas só acessíveis a alguns olhares e sentidos, talvez porque não habituados a dirigir o olhar, a renunciarem à decisão (e responsabilidade) de olhar - “olhar é um acto de escolha” - porque afinal isso “estabelece o nosso lugar no mundo circundante” (Berger, 1999, p. 9).

Já referimos um aspecto interessante a que agora regressamos, a noção de luz, ou melhor, a luminosidade que acontece na *Terra como Acontecimento*. Há, como já aludimos anteriormente, uma certa luminosidade que a matéria deixa revelar, mesmo na sua profunda obscuridade metafísica, mesmo na sua *quasi*-ausência, que, no entanto, se presentifica em intensidade, à semelhança de Dubuffet em que aparecia como «uma certa textura de matéria», se é que podemos usar a expressão de Merleau-Ponty em *O Olho e o Espírito*. Tal como na Terra, nunca a sombra se produz sem a presença de luz.

Figura 3 – Imagem de uma obra da exposição A Terra como Acontecimento.



Fonte: Imagens cedidas pela artista.

Nestas pinturas o jogo luz-sombra relembra que a Terra nunca é plena de luz, nem plena de sombra, e é na sua alternância que se produz mundo, que se joga a velação e a (re)velação, tal como em qualquer metafísica ontológica em que o ser se faz aparecer numa dialéctica entre doação/ocultação e fuga/evidência (ver fig. 3). São as “imagens possíveis da terra em que acontecem matérias de luz e sombra, em que há reverberações de luz, como na imagem do planeta azul (quando vista pelos astronautas a partir da lua)” (Castro, 2013, p. 49).

Em 2013, no Museu Amadeo de Souza-Cardoso, a propósito da *Memória da Terra*, Romy Castro traz à nossa presença não apenas uma metáfora da Terra com a instalação que fez, mas traz-nos a memória que a própria Terra desenvolve de si mesma, quer dizer, a memória de um passado longínquo, petrificado, fossilizado no tempo. Digo:

[a artista] presentifica-nos com um monte alargado de carvão que está exposto a luzes brancas em flashes, enquanto passa uma instalação vídeo. Acontecem acontecimentos na Terra, como acontecem acontecer aparições fenoménicas das matérias provenientes dessa mesma Terra, lugar da vida. [E] tal como na vida, há um horizonte para o qual olhamos e não vemos, e Romy Castro dá-nos pleno de visibilidade (Castro, 2013, p. 49).

Nesta *Memória* tal na *Terra como Acontecimento*, há uma luz que se esconde e se anuncia a um só tempo, que se re-vela em timidez e potência, de que não se sabe a origem, mas que parece afirmar-se nas sucessivas intermitências ou adumbramentos da consciência perceptiva que a vê, que a capta. Refere a artista:

Os reflexos das micas, dos cristais e dos minérios, por exemplo, impedem um lugar e um olhar fixo, criando limites para o pictural, ao mesmo tempo que expõe os paradigmas, incarnadamente. No caso da instalação do Museu de Amadeo de Souza-Cardoso em Amarante, em 2013, para já não são os pigmentos que são trabalhados, mas é o carvão e os cristais brancos, que se apresentam na sua materialidade original, desterritorializados, fazendo um movimento de translação, para se territorializarem na instalação, e estabelecerem entre eles a sua posição modificada, removimentando-se (Castro, 2016, p. 100).

Estes brilhos são partículas de luminescência (dir-se-ia, minúsculas incandescências), numa reverberação de luz e matérias em que se joga o livre jogo da re-criação, de que se nota a presença nas diversas superfícies das obras.⁵ As obras de arte de Romy Castro

⁵ Esclarece a artista: «Conceito físico da luz que estando incorporado nas matérias, se transmite tridimensionalmente, através da cor, refratando as inconstantes mudanças qualitativas observadas nas matérias. Matérias-luz com a doação de todos os comprimentos de onda eletromagnéticos e matérias-sombra com uma suspensão e redução destes comprimentos, inovando picturalmente a natureza ondulatória da luz visível, que cintila consoante a posição do observador no espaço e a sua interação, quer com o

transcendem assim, diríamos, o próprio pensamento da artista, transcendem o seu próprio gesto *poiético*, na gestação de uma obra que presentifica o acontecer da arte em si mesma e por si mesma, dando-se como o lugar de conservação de sensações extemporâneas,⁶ ou para utilizarmos as palavras de Deleuze e Guattari, “a obra de arte é um bloco de sensações, um composto de perceptos e afectos [...] é um ser de sensação, e nada mais: existe em si” (Deleuze & Guattari, 1992, 145).

FILMAR UMA OUTRA/MESMA VISIBILIDADE DO FENÓMENO

Fenomenologicamente considerado, o mundo estético está dado no universo do sentir, está incluído na esfera do aparecer, do acontecer. Parafraseando o fenomenólogo Martin Seel, diríamos que o aparecer é uma realidade de que todas as matérias estéticas partilham entre si, por mais diversas que possam ser. Em todo o aparecer da matéria, qualquer que possa ser o nível desse acontecimento, está sempre em jogo a presença real e sensível daquilo que é dado aparecer. Mas mais, nesta fenomenologia estética da matéria, revela-se ainda outra característica: o objecto que acontece, isto é, que é dado em evidência, é um indeterminado que se determina, e o próprio da percepção estética é essa capacidade de perceber algo como um ‘ser-assim’ deste modo, matéria. É por isso que não se deve confundir, na terra como acontecimento o *aparecer* da *aparência*, porque o dar-se do aparecer é onto-potencialidade e a aparência é apenas um reflexo ou vestígio daquilo que aparece enquanto tal. Diríamos que na obra de Romy Castro passam-se assim coisas: densidades materiais e sensações, quiasmas de sombra-luz, ontologias possíveis de imagens, ruídos subtis de silêncio, silêncios feitos de sons que não captamos porque não escutamos. Nesta outra ordem do silêncio, sentimos que a Terra fala *quasi-silenciosamente* por entre a matéria. Talvez por isso, a artista tenha feito um filme (vídeo) com sons diferentes: os sons que percorrem a Terra. Sentimos então aí, perante a projecção do filme que há como que uma intersecção do ruído/ silêncio, como se a matéria

movimento do olhar, quer com o movimento transitório. Visão essencial das matérias da pintura que passam para a instalação, numa mistura de géneros, que enigmaticamente advêm fenómeno». (Castro, 2016, p. 99)

⁶ Na entrada da exposição *A Terra como Acontecimento* que teve lugar no Museu de Paços de Ferreira em julho de 2015, a artista escreveu: «o pensamento não é só geográfico como as extensões da terra, é também cristológico como os seres de luz que se inscreveram nela. Reinscrever a Terra com esta potencialidade desocultá-la da sua origem, da sua opacidade para a tornar visível num desvelamento sem precedentes. A Terra a inscrever-se de novo na sua matéria, - iluminação do pensamento -, que reinscreve a Terra nas matérias de luz, para dar-a-ver na sombra dos seres luminosos os que estão também representados no projecto de “A Terra como Acontecimento” e começam na sua origem – o acontecimento das imagens picturais, as que estão aqui representadas e nomeadas como matérias. Em vanitas são “assentamento” da Terra, um ser originário do sentido que “diz” as imagens do desocultamento, para mostrar outro Ser».

gritasse silenciosamente, apelasse à visualização da sua existência. Tal como nas obras da artista parecemos estar imersos numa espécie de realidade fenomenológica (de cariz heideggeriano), que se reclama na autenticidade de uma linguagem só possível no limite do indizível. Porque é no silêncio que o som ganha forma e existência; também na obra de Romy Castro, a forma e cor do silêncio-ruído se afirma por uma provocação latente e subtil que incute no observador o desejo de uma entrega à sua intimidade contemplativa, que exige o «encontro com algo que está em nós mesmos», que exige filosófica ou sartreanamente o encontro com esse nada absoluto que é consciência. Diz Romy Castro

Segue-se daí uma nova transposição, agora da pintura e da instalação para o cinema. Pelas suas operações de zooming in ou zooming out, de enlentecimento, de montagem, etc., que tem como matéria não as matérias da pintura nem da instalação, mas as próprias pinturas, o cinema tem uma capacidade alegórica de criar um espaço outro, de alegorização do pictural, criando uma espécie de “nova-terra” (Deleuze), que prolonga o pictural geoesteticamente. Trata-se de um duplo movimento, da pintura (e da instalação) para o cinema e vice-versa, revelando a natureza do acontecimento da terra. Ou seja, a possibilidade de um habitar outro que começa sempre num retorno ao mais arcaico, “A Terra como Acontecimento”. E a Terra arcaica revelada é bem reveladora das estratégias de poder que milenarmente a procuraram dominar e que elevaram ao mapa geopolítico atual, em crise evidente; ou numa outra narrativa instável, a de uma terra desolada, sonhando o pesadelo da extinção dos homens e da vida, que pesa sobre a consciência como um alarme absoluto (Castro, 2016, p. 101).

Acontece nessa contemplação que nos sentimos pensar, refletir, meditar a imensidão de coisas que estão a acontecer, para lá da tal aparência de um vazio material dado num primeiro olhar. Mas se se duvidar de que possam estar a acontecer coisas, fenómenos de afirmação da matéria, diga-se que acontecem densas sensações visuais e audíveis que nos fazem contemplar. E aqui produz-se uma desocupação da matéria, provavelmente o fim último da arte, de toda a forma de arte. É aqui que o ruído e o silêncio se cruzam porque também no fim da arte é o silêncio que se faz ouvir. O filme potencia essa estreita relação entre o visível e o invisível, entre o possível e o virtual, e que a moderna tecnologia facilitou.⁷ Aquilo que vibra vai muito além da mera audição e faz-nos pensar que no inaudível se pode reter o segredo da existência das matérias. O que vibra, graças às obras e acção da artista é, para parafrasear Corredor-Matheos, algo que

⁷ “Primero por una razón ontológica: el cine crea una nueva relación entre la apariencia y la realidad, una nueva relación entre una cosa y su doble, y también una nueva relación entre lo virtual y lo actual. (...). La tecnología digital es una nueva etapa de la relación entre apariencia y realidad. Y, por cierto, una nueva relación entre la realidad y el número, porque la tecnología digital, es en definitiva la reducción de la realidad a números” (Badiou, 2004, p. 53).

está em nós mesmos, uma correcta contemplação que nos identifica o suficiente com a obra para que fiquemos vazios por dentro. Esse silêncio é necessário para poder ouvir.

O vazio de que o silêncio parece ser percorrido e que convida à contemplação, encontra aqui o paralelo indiscutível com a obra de Mark Rothko. O silêncio é uma forma de escutar a linguagem, ou seja, uma forma de aceder a uma linguagem e de compreender o que está ‘dito’ nessa linguagem. Escutar, pois, esse apelo do silêncio pictórico, esse dizer do ser quadro, e que levava Merleau-Ponty a dizer que as “vozes da pintura são as vozes do silêncio”, encontra nestas obras de Romy Castro, um efeito absolutamente metafísico e divinamente humano. Ou melhor, adoptando o dizer de Simónides: «a pintura é poesia muda e a poesia um quadro que fala».

Figura 4 – Peça feita com cristal de rocha revestida com pedaços de ouro e folha de ouro para SIAC4

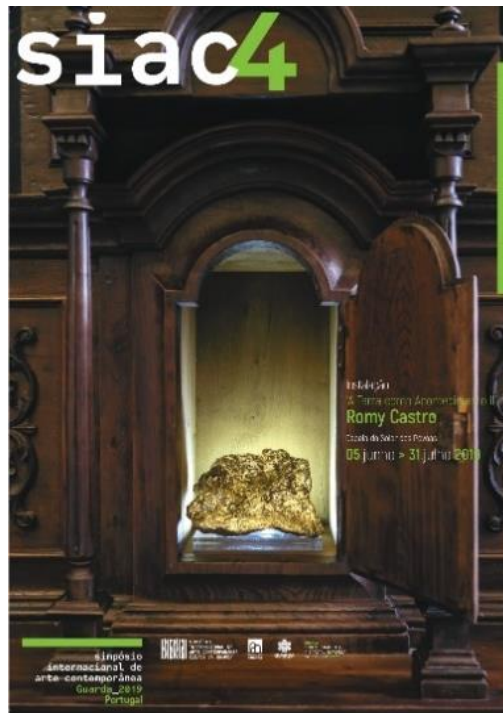


Fonte: Imagens cedidas pela artista

Em 2019, a artista expõe um cristal de rocha revestida com pedaços de ouro e folha de ouro (ver fig. 4) e que foi exposta no Sacrário do altar da Capela do Solar dos Póvoas, inserida no Simpósio Internacional de Arte Contemporânea (05jun-31 Jul 2019), Guarda (fig. 5).⁸ Aqui trata-se já de conceder uma dimensão sacralizada às origens das matérias, ao coração, às entranhas da Terra. Não por acaso o ouro se faz metáfora (diríamos ambivalente) da valiosa relação do homem com as entranhas da Terra. Terra geológica, biológica, cronológica fonte de acontecimentos internos, feitos visíveis.

⁸ Exposição que contou com a presença de outros artistas consagrados como Cabrita Reis, Rui Chafes, José Pedro Croft, Zulmiro, Albuquerque Mendes, Ana Rita Albuquerque, Susana Piteira, Pedro Figueiredo, Juan Domingues, Elisabeth Leite, Albano Martins, Clotilde Fava, Luís Herberto, entre outros.

Figura 5 – Peça exposta no Simpósio Internacional de Arte Contemporânea.



Fonte: Imagens cedidas pela artista.

PARA CONCLUIR: GEOFILOSOFIA E ESTÉTICA DA MATÉRIA

A obra arte de Romy Castro cria uma proximidade que não é propriamente abstracta, mas que reenvia à ligação primordial do homem com a Terra. Se não é imediatamente dada a significação sujeita ao olhar do observador é porque a obra exige contemplação, exige proximidade substancial entre aquele que olha e a expressão gerada na e pela coisa observada. Há uma procura clara pela materialização de uma geofilosofia que se deixa ler, enquanto continuum experimento estético, na relacional interpelação pela origem e pela verdade das coisas que estão aí, à disposição do homem, nesse planeta chamado Terra. É neste domínio estético e nesta demanda filosófica que a(s) obra(s) de Romy Castro reencontram o lugar original. São essas obras que nos exortam a realizar uma viagem de expressão a si mesma, mas que se dinamiza num movimento de extrapolação do sentido do mundo, do acontecer do mundo. Num sentido heideggeriano, as obras de arte de Romy Castro são o modo como acontece a verdade que as matérias transportam, são o dito que dita a verdade da Terra. A artista sabe-o e sabe que a obra de arte é um “dizer” silencioso que projecta ou faz acontecer possibilidades. *A Terra como Acontecimento* é revelar a origem da subjectividade, do próprio nascimento da subjectividade, e com ela, do apogeu do juízo de gosto e da enunciação da verdade.

Recorda-se que origem quer dizer, fazer surgir, fazer aparecer ao ser isso mesmo que se instaura da proveniência fundamental, ou seja, a «origem é a proveniência da essência, na qual está a ser o ser de um ente» (Heidegger, 2002, 58). Uma forma de tornar visível um certo invisível que se dá nas matérias. Romy Castro permite uma visibilidade que até então, apenas se poderia sonhar. Quer isto dizer que a artista tem a consciência de que com estas matérias, especificamente com estas matérias exclusivas, pode dar, a partir de uma visibilidade presente, uma nova visão do invisível que acompanha a matéria.

Somos assim convidados a ficar embragados na sensualidade da matéria. É na redescoberta que se faz fazendo-se, destes fragmentos da realidade que a obra da artista se faz falar, e portanto, se dá como momento de uma íntima relação entre pensamento e matéria, entre objecto de pensamento e pensamento objectivado na matéria, entre a condensação dos sentidos e a inserção de uma escrita-movimento que é processo de criação. É a mais pura materialidade desmaterializada na obra que nos introduz num domínio e diálogo de intimidade: intimidade com a criação artística, intimidade com o discurso estético, intimidade com a metafísica silenciosa e apelativa da (de uma certa) transcendência que parece povoar a Terra e a obra da artista. *A Terra como Acontecimento* é a exaltação do mundo enquanto lugar de vivência e convivência onde tudo é matéria e tudo é espírito. O lugar onde acontece acontecerem coisas que formam tudo aquilo que vamos sendo, do *homo faber* ao *homo aestheticus*, e só podemos estar gratos a Romy Castro por nos proporcionar essa viagem intemporal pela *Terra como Acontecimento*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Badiou, A. (2004). El Cine como Experimentación Filosófica. In G. Yocel (Comp.), *Pensar el cine 1: imagem, ética y filosofía* (pp. 23-81). Buenos Aires: Manancial.

Belting, H. (1989). *L'histoire de l'art est-elle finie ?* Paris: Éditions Jacqueline Chambon.

Berger, J. (1999). *Modos de Ver*. Rio de Janeiro: Rocco.

Castro, P. A. (2013). *Mark Rothko e Romy Castro. Matérias da intimidade-Intimidade com as matérias*. Nova Iorque/Lisboa: Philosophers Book Company.

Castro, R. (2016). A Terra como Acontecimento. A Pintura interpelada pelo Cinema em torno do filme A Terra como Acontecimento *Cinema e Território*, (n. 1, pp. 96-105). Madeira: Universidade da Madeira.

Collingwood, R. G. (1938) *The Principles of Art*. Oxford, Oxford University Press.

Corredor-Matheos, J. (1993), El arte esencial de Romy Castro - Espacio y significación del vacío. *Revista Colóquio Artes*, 98, 17-23.

Deleuze, G., & Guattari, F. (1992). *O que é a Filosofia?* (Trad. M. Barahona e A. Guerreiro). Lisboa: Editorial Presença.

Dutton, D. (2009). *Art Instinct*. Oxford: Oxford University Press.

Heidegger, M. (2002). *A Origem da Obra de Arte*. (Trad. I. B. Duarte e F. Pedroso). Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.

Huisman, D. (1997). *A Estética*. Lisboa: Edições 70.

Lippard, L. R. (1973). *The Dematerialization of the Art Object from 1966 to 1972*. New York: Praeger.

Mèredieu, F. (2004). *Histoire matérielle et immatérielle de l'art moderne*. Paris : Ed. Larousse.

Merleau-Ponty, M. (1989). *O Olho e o Espírito*. São Paulo: Nova Cultural.